

Missão como diaconia

Kjell Nordstokke

Resumo: O texto começa refletindo sobre conceitos que denotam a identidade e a práxis cristã, e a necessidade dos mesmos. Examina, desde esta perspectiva, o conceito de missão, bem como a sua conexão nos últimos anos com o trabalho em prol do desenvolvimento em termos sociais. Esta conexão cria problemas tanto em nível metodológico como terminológico. Estes são analisados com vistas a uma renovação em ambos os níveis. O resultado poderia ser um entendimento da missão como diaconia. A parte final do artigo é dedicada a uma reflexão sobre este tema.

Resumen: El texto comienza reflexionando sobre conceptos que denotan la identidad y la práxis cristiana y la necesidad de los mismos. Examina, desde esta perspectiva, el concepto de misión, y su conexión en los últimos años con el trabajo en pro del desarrollo en términos sociales. Esta conexión crea problemas tanto a nivel metodológico como terminológico. Estos son analizados con miras a una renovación en ambos niveles. El resultado podría ser un entendimiento de misión como diaconía. La parte final del artículo es dedicada a una reflexión sobre este tema.

Abstract: The text begins with a reflection on concepts related to Christian identity and praxis as well as their need. It then analyzes from this perspective the concept of mission and its connection in recent years with development work in social terms. That connection gives rise to problems both at the methodological and the terminological level. These problems are then analyzed, aiming at a renewal on both levels. The result could be an understanding of mission as diaconia. The final part of the article contains a reflection on this theme.

I. A práxis¹ necessita de palavras significativas

1. No Brasil, uma conferência sobre diaconia foi encerrada com uma sessão de avaliação. Uma mulher de uma pequena cidade do interior disse: “Agora eu sei como se chama o que sempre andei fazendo. Chama-se diaconia.” Ela relatou aos participantes o tipo de atividades em que estava engajada: organização de pequenas agricultoras para combater o uso de pesticidas perigosos, participação num movimento local de direitos humanos, visitação regular a pessoas doentes em sua comunidade. Essa mulher sempre havia feito isso com uma convicção interior de que sua ação era profundamente motivada pela fé cristã, mas nas prédicas e em outras atividades da Igreja havia ouvido muito pouco que afirmasse a existência de uma relação entre suas ações e sua identidade como cristã luterana. Durante essa conferência, porém, descobrira essa conexão, e também que aquilo em que estivera engajada por tantos anos tinha um nome apropriado com fortes raízes bíblicas: *diaconia*².

2. Há uma relação importante entre o que fazemos e a terminologia com que designamos esse fazer. A sustentabilidade está relacionada com ambas as coisas. Os termos revelam a *identidade* na qual uma atividade específica está enraizada. A identidade denota a continuidade da atividade, embora o foco possa mudar de acordo com contextos cambiantes. A identidade indica o que continua sendo a mesma idéia mesmo em circunstâncias cambiantes. Ela também denota aquilo que integra diferentes elementos de um sujeito. Uma organização pode realizar uma série de atividades diferentes, mas normalmente há alguns traços integradores que explicam a composição das atividades em meio a toda a sua variedade. Em terceiro lugar, a identidade sempre inclui uma compreensão do que se distingue de outras realidades ou atividades. A identidade da Igreja torna seu trabalho com jovens diferente de outros tipos de trabalho com jovens, mesmo que às vezes as semelhanças pareçam ser mais evidentes do que as diferenças.

II. Missão como práxis e conceito identitário

3. Nos dois últimos séculos *missão* foi um termo que tem expressado a identidade cristã. Embora tenham ocorrido muitas mudanças em sua compreensão e metodologia, a missão continua sendo uma preocupação vital da Igreja. A Federação Luterana Mundial (FLM) tem ratificado repetidamente o compromisso com a missão:

A participação na missão de Deus é o propósito central da Igreja. (...) A missão da Igreja sempre tem lugar dentro de contextos históricos específicos e cambiantes e de situações culturais distintas, sendo, portanto, portadora de suas marcas. Sua continuidade, entretanto, baseia-se na atividade do próprio Deus no mundo, revelada de modo singular na pessoa de Jesus Cristo e no envio do Espírito Santo.³

Assim, a identidade da missão da Igreja está enraizada na missão do próprio Deus. Estar em missão é uma expressão de sua generosidade graciosa para com a criação (em alemão: *Gabe*) e, ao mesmo tempo, uma tarefa (*Aufgabe*) por meio da qual se dá testemunho do senhorio de Deus. Trata-se tanto de uma identidade dada quanto de uma identidade a ser identificada na práxis missionária.

4. O termo “missão” refere-se, em outras palavras, tanto a uma práxis histórica quanto a uma interpretação da identidade cristã. Como se mencionou acima, a identidade apresenta uma perspectiva de continuidade, integração e originalidade da práxis. Como tal, ela também oferece critérios para a auto-avaliação e renovação. Em situações nas quais a missão era percebida como um empreendimento ocidental relacionado a abordagens paternalistas, a identidade tornou possível uma reformulação da compreensão de missão como missão *de Deus*. Quando a prática missionária em alguns contextos era vista como concentração no recrutamento de novos membros para congregações locais, essa mesma identidade estimulou o desenvolvimento da expressão *missão holística*. Agora talvez essa identidade esteja a exigir novos conceitos.

III. Desenvolvimento relacionado à missão: um problema crescente

5. Hoje em dia a distinção entre missão e trabalho em prol do desenvolvimento desafia as igrejas em sua missão de maneira semelhante. Também nesta questão, problemas existentes dentro do âmbito da prática estão profundamente relacionados com a terminologia e com a forma como a identidade é conceitualizada. Em meu modo de ver, há dois problemas terminológicos principais:

6. O primeiro diz respeito à compreensão de missão como *evangelização*, com os problemas subseqüentes de relacionar esse termo de maneira construtiva com a missão em operação. Aqui o problema consiste em como relacionar a *proclamação* como o próprio cerne da missão com uma abordagem holística. Deveria o termo “holístico” ser entendido de uma maneira oni-abrangente, em que cada tarefa e atividade da Igreja seja incluída na atividade missionária? Pode tal abordagem abrangente ser mantida quando se insiste que o “objetivo primordial da participação da Igreja na missão de Deus” é “fazer discípulos/as de todas as nações”? Como pode a “missão holística” ser mais do que uma mera fórmula retórica e uma crítica de parte da prática missionária tradicional? Pode essa expressão ser transformada em critérios construtivos para mobilizar as igrejas em sua missão e para encontrar formas apropriadas de cooperação entre parceiros?

7. O segundo problema diz respeito à terminologia normalmente usada para designar atividades relacionadas ao “trabalho pela paz e justiça e na luta contra todos os poderes escravizadores e desumanizantes” que o documento da FLM

entende como “parte integrante da missão da Igreja”⁵. Normalmente essas atividades são classificadas como *desenvolvimento* ou *ação social*. Estes termos e sua lógica profissional fazem parte do mundo da ideologia do desenvolvimento das quatro últimas décadas. Em termos ideológicos eles contêm convicções políticas diferentes: a história pode ser moldada mediante intervenção social e política. Os modelos ocidentais de sociedade (para os escandinavos: especialmente o modelo social-democrata) deveriam ser adaptados pelos países em desenvolvimento. O crescimento econômico é possível no hemisfério sul se a tecnologia, sistemas de infra-estrutura, etc. estiverem sendo implantados de acordo com modelos ocidentais. O termo que integra todas essas convicções é *desenvolvimento*. Ele é otimista tanto em sua antropologia quanto em sua análise política. Seguindo a lógica da maior parte do serviço social, sua preocupação primordial é a relação entre objetivos e medidas a fim de facilitar mudanças identificadas pelo profissional como desejáveis para um grupo ou uma comunidade local.

8. Estranhamente, igrejas adotaram a terminologia e a lógica do desenvolvimento em seus diferentes programas e projetos sem levantar muitas questões. Elas tornaram-se o *porquê* e o *como* básicos da ação social internacional. A medida que as teorias do desenvolvimento mudaram ao longo das últimas décadas, as igrejas foram fiéis e mudaram sua retórica relativa ao desenvolvimento e serviço. Uma razão disso pode ser a dependência, por parte das igrejas, da cosmovisão política e das abordagens secularizadas do Ocidente em relação a questões sociais e políticas. Outra razão pode ser a dependência de verbas de agências oficiais de desenvolvimento por parte de agências ligadas às igrejas, um relacionamento que associou o financiamento a determinados conceitos de como esse serviço deveria estruturar e realizar suas atividades. Conseqüentemente, o trabalho em prol do desenvolvimento não poderia ser misturado com evangelização e edificação comunitária, a menos que isso pudesse ser explicado de tal maneira que desse à existência de igrejas locais um papel que promovesse estruturas democráticas e a participação popular no desenvolvimento. A lógica em seu conjunto, entretanto, foi determinada por argumentos funcionalistas e sócio-políticos.

9. Questões críticas levantadas por igrejas no hemisfério sul não puderam subverter essa estrutura ideológica. Cristãos da América Latina rejeitaram o desenvolvimento por ser um termo neocolonialista incapaz de lidar com estruturas de dependência. Africanos questionaram a montagem de estruturas em que os departamentos de desenvolvimento de suas igrejas podiam conseguir facilmente dinheiro do exterior, ao passo que não havia interesse em apoiar outros departamentos e, por exemplo, programas de evangelização. A partir dessa prática algumas igrejas sofreram de novos padrões de diferenças de classe: as pessoas que trabalhavam para projetos de desenvolvimento ganharam carros e boas condições de trabalho, ao passo que pastores/as e evangelistas dificilmente recebiam qualquer salário. Em algumas partes do mundo os cristãos admiravam-se de como as agências do hemisfério norte trabalhavam, sem qualquer hesitação, com entidades

governamentais e diferentes organizações não-governamentais, mas não mostravam interesse em trabalhar com igrejas locais. Também tornou-se difícil entender como cristãos provenientes do mesmo país do hemisfério norte podiam ser representados por diferentes agências — uma para a missão, outra para o desenvolvimento — sem que houvesse qualquer cooperação entre elas.

10. Faz alguns anos que esse modelo passou a enfrentar problemas por causa da *implosão da visão modernista do desenvolvimento universal*. A globalização, assim como esse processo é vivenciado pela maioria das pessoas, segue padrões bastante diferentes. O otimismo está sendo substituído pelo indiferentismo pós-moderno. As verbas públicas estão se esgotando junto com o esgotamento da cosmovisão desenvolvimentista.

11. Como se haverá de lidar com essa situação e com a anomalia que ela representa? Em minha opinião, diversas iniciativas deveriam ser tomadas para possibilitar uma reaproximação entre a práxis e a identidade da Igreja no que diz respeito à compreensão de missão. Em outras palavras, há necessidade de renovação, e em minha opinião essa renovação implica tanto aspectos de *metodologia* quanto de *terminologia*.

IV. Renovação metodológica

12. Metodologia significa consciência acerca da maneira como uma tarefa é cumprida. Será possível reinventar uma forma de fazer missão de um modo holístico que esteja mais *encarnada* na vida das pessoas do que numa teoria geral acerca do desenvolvimento sócio-político? O termo “encarnado”, aqui, é entendido de maneira a representar diferentes perspectivas:

13. a) Ele coloca *a realidade assim como é vivenciada pelas pessoas* como ponto de partida para a reflexão e a ação. Um exemplo bem conhecido desse método encontra-se na tradição do ver-julgar-agir dentro da teologia latino-americana da libertação.

14. b) Abre-se para *a dimensão metafísica* na busca humana de verdade e justiça. Assim, reconhece o mesmo poder libertador de Deus revelado em Jesus Cristo na luta por vida e dignidade humana no mundo de hoje. E também ratifica a incumbência da Igreja de testificar em favor da esperança e do futuro por meio de palavra e ação.

15. c) Pressupõe *uma reflexão interdisciplinar* em que as ciências sociais e humanas, junto com a teologia, são solicitadas a discernir as condições humanas na perspectiva de transformações possíveis.

V. Renovação terminológica

16. Estreitamente relacionada com a necessidade de renovação metodológica há também uma necessidade de reformular a *terminologia*. Em minha opinião, o termo *diaconia* representa uma possível maneira de dar ao “que estamos fazendo” um novo nome que é tanto crítico quanto construtivo no sentido de que possibilita uma relação com a identidade da Igreja e com sua compreensão de missão. No que se segue vou desenvolver isso mais um pouco.

17. Antes de passar a isso, alguns comentários sobre como esse termo é muitas vezes usado. Na tradição luterana, a *diaconia* é, na maioria das vezes, entendida como obra de caridade. O *background* histórico disso é o movimento diaconal da Alemanha, fundado por pessoas como Fliedner e Wichern e organizado como comunidades de diaconisas ou diáconos, preparados profissionalmente para trabalhar em hospitais ou outras instituições diaconais. Além dessa atividade especializada, a *diaconia* também tem sido entendida como trabalho caritativo em termos mais amplos. Em alguns círculos luteranos se discutiu sobre se o trabalho diaconal pressupõe um contexto eclesial. Ou deveria a *diaconia* ser entendida dentro do âmbito da criação, como a conclamação, dirigida a qualquer ser humano, de fazer boas obras? Colocada dentro dessa compreensão em que o trabalho diaconal é associado sobretudo com a caridade, visando aliviar o sofrimento e consolar as pessoas que sentem algum tipo de pesar, a *diaconia* como conceito tem, evidentemente, muitas limitações.

18. Num contexto ecumênico mais amplo, a *diaconia* se relaciona com o ministério da Igreja. Em muitas igrejas, um/a *diácono/a* faz parte do ministério ordenado, não estando necessariamente relacionado com o trabalho caritativo ou a ação social, mas como um primeiro passo na carreira de clérigo ou então como pessoa responsável por certas atribuições administrativas. A partir dessa tradição, a *diaconia* provavelmente deveria ser entendida como tudo aquilo que as/os diáconas/os fazem. Evidentemente, sua contribuição para a questão que está sendo discutida aqui é mínima.

19. Ao passo que essas duas compreensões reduzem a *diaconia* à *poimênica* ou então a uma possível forma de estruturar o ministério, uma terceira compreensão vê a *diaconia* como um conceito *eclesiológico* que expressa a *natureza servidora da Igreja*. De acordo com isso, a dimensão diaconal da Igreja está arraigada na maneira como a Bíblia apresenta Jesus. Ele veio “para servir (em grego: *diakonein*) e dar sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). A natureza servidora de sua missão é apresentada como modelo para seus discípulos (Jo 13). É muito provável que a memória do ministério diaconal de Jesus tenha sido decisiva para o desenvolvimento de estruturas de liderança nas primeiras comunidades cristãs. “*Diaconia*” era o termo usado para designar o ofício ou tarefas específicas dadas a uma pessoa (1 Co 16.15; 2 Co 5.18-19), sendo também usado para

designar atividades importantes (At 6.1-6). Também é interessante observar que a “campanha internacional” organizada por Paulo para assistir os pobres de Jerusalém foi simplesmente chamada de “a diaconia” (Rm 15.31; 2 Co 8-9).

20. Resumindo esta parte, vemos que a diaconia tem um fundamento *crisológico*, é uma expressão da *natureza da Igreja* e, como tal, se manifesta na maneira como a Igreja está *estruturada* e assume *responsabilidade prática, especialmente pelos necessitados e excluídos*.

21. De que maneira esse conceito de diaconia poderia ser útil para o tópico que estamos discutindo? Primeiramente, alguns casos em que a diaconia passou a fazer parte de uma linguagem revitalizada: no Brasil, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), através de seu Departamento de Diaconia, tenta fomentar uma consciência diaconal tanto nas comunidades quanto entre as pessoas que são responsáveis por diferentes projetos. Através desse esforço, espera encorajar a responsabilidade local, enraizada primordialmente em sua identidade como comunhão cristã, e, assim, reduzir a dependência de recursos e estruturas do exterior. De modo semelhante, a Norchurchaid (NCA) da Noruega está se apresentando como organização de diaconia internacional. Assim, essa organização redescobriu preocupações que eram centrais para as pessoas que a fundaram há 50 anos. Já naquela época se considerava importante expressar a identidade da NCA como agência ligada à Igreja em continuidade com o mandato diaconal de congregações locais, que constituem os membros da NCA na Noruega. Ao mesmo tempo, porém, o uso desse termo também indica uma profunda dependência da fé, da esperança e do amor servidor de irmãs e irmãos em igrejas em todo o mundo em com as quais a NCA está relacionada através de diferentes programas e projetos. Também dever-se-ia reconhecer que essa terminologia não limita a atividade diaconal a estruturas estritamente eclesiais. Como agência diaconal especial a NCA se considera situada dentro da tradição de instituições diaconais com um mandato para agir primordialmente entre os marginalizados e carentes, também quando e onde a Igreja como congregação local está ausente nesses contextos concretos.

VI. Missão como diaconia

22. Como a diaconia deveria relacionar-se com a missão? Há duas possibilidades, dependendo da maneira como se define a missão. Quando a missão é definida como a tarefa oni-abrangente da Igreja, a diaconia deveria ser considerada uma dimensão fundamental da missão. Há uma longa tradição que vê a *liturgia*, o *querigma* e a *diaconia* como as três dimensões principais da *koinonia* cristã. Uma tarefa importante para a missiologia seria, então, encontrar o ponto integrador dessa identidade, de um modo que seja eclesiológico e não meramente funcional ou prático. A compreensão da FLM como “*communio* servidora” (Curitiba 1990) apresenta um criativo ponto de partida para refletir sobre o relacionamento diacono-

nal entre igrejas-membros da FLM. Em minha compreensão, o termo *serviço* talvez seja vago demais para manter esse relacionamento com a identidade da Igreja. Há sempre um risco de que “serviço” seja reduzido a “ação social” de acordo com uma compreensão sócio-política e sem conexão com o marco teológico que considero fundamental neste assunto.

23. Por outro lado, se a missão é vista como sinônimo de querigma ou da tarefa de evangelização (uma definição que é tão possível quanto a outra), a tarefa missiológica consiste em elaborar a relação recíproca entre missão e diaconia, mas também a identidade distinta de cada movimento. Expresso em termos simplistas, pode-se dizer que a primeira visa a fé, e a segunda a transformação. Ora, a fé — em sua acepção mais ampla como fenômeno humano — é uma parte intrínseca e uma condição básica da transformação. Por outro lado, transformação significa lidar com realidades humanas, reagir à injustiça e ao sofrimento desumano, capacitar os excluídos para serem agentes de mudança, dignificar a vida humana e construir uma sociedade mais sustentável.

24. Qualquer uma das duas definições deveria ter como resultado que o testemunho e o serviço sejam vistos juntos como necessárias expressões distintas, porém inseparáveis da missão de Deus para com o mundo.

25. Algumas observações finais que indicam o benefício mútuo de tal reflexão missiológica:

26. A *dimensão diaconal da missão* pode ajudar o testemunho cristão a ser mais *encarnado* na vida das pessoas. A contextualização é, com razão, considerada um desafio vital para a missão, mas normalmente isso tem sido entendido como uma aproximação da cultura e cosmovisão religiosa das pessoas. Poderia ser, entretanto, que *fazer* seja a forma mais convincente de contextualizar-se, seguindo o exemplo de Jesus, que, por meio de sua diaconia, sua solicitude para com os outros e especialmente sua solidariedade com as pessoas doentes e marginalizadas manifestou sua missão para “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.6). O *fazer contextual* de Jesus se caracteriza por ser tanto crítico quanto ativo. E implica uma busca de interpretação. Em reação a sua intervenção em favor da viúva de Naim, em que a mãe recebeu de volta seu filho morto, a seguinte interpretação foi feita por aqueles que testemunharam o que havia acontecido: “Deus visitou seu povo!” (Lc 7.16.) Para eles a encarnação se revelou como presença salvadora concreta num contexto de morte e luto.

27. Da mesma maneira, o fazer diaconal deveria expressar a boa nova encarnada nas vidas e lutas das pessoas, como expressão da missão de Deus da qual também a Igreja é chamada a participar. Essa compreensão está em continuidade com a prática da Igreja antiga. Naquela época os cristãos interpretavam a solicitude para com os enfermos e carentes como uma maneira de trazer o Reino à terra, antecipando, assim, aquilo pelo qual a esperança anseia. A pergunta

conclusiva desta consideração: será a missão cristã possível hoje sem esse tipo de contextualização encarnatória?

28. A *dimensão missionária da diaconia* pode ajudar os cristãos a interpretar sua ação em favor das pessoas sofredoras e marginalizadas como boa obra e como expressão da solicitude providente de Deus para com a criação. Essas duas perspectivas estão mutuamente inter-relacionadas. A primeira valoriza a *boa obra* como um ato significativo em si mesmo, e não apenas como expressão de algum sistema teórico, como normalmente tem sido o caso do serviço social. A modernidade muitas vezes tachou a boa obra como trabalho caritativo, considerado muito suspeito em termos ideológicos, mas aceitável se pudesse ser integrado em marcos profissionais e teóricos. A pós-modernidade tem, a partir de outra perspectiva, questionado qualquer obra como boa ou significativa. Em tais contextos ideológicos torna-se um desafio expressar a fé no fazer o bem como algo que tem sentido, tanto em si mesmo quanto como potencial para construir sentido nas vidas e relacionamentos das pessoas.

29. A fé diaconal tem as boas obras como possíveis frutos do amor e solicitude de Deus para com a criação. Esta segunda perspectiva pode ser relacionada com a compreensão clássica da *providência divina*. Esta expressão afirma que Deus age *pro nobis* (não *contra*), o que não se refere à predestinação divina, e sim a sua presença salvadora em todas as situações. Além disso, o termo apresenta um Deus ativo que escuta e vê (*pro-vidência*); sua sensibilidade faz com que os sem-voz sejam ouvidos e os excluídos sejam vistos. Essa imagem de Deus abre-se para uma *espiritualidade diaconal* que considera a sensibilidade para o sofrimento humano uma expressão central do discipulado cristão. Seguindo a palavra do Senhor: “Que quereis que eu vos faça?” (Mt 20.32), a diaconia é chamada para um *testemunho praxiológico* da solicitude providente de Deus para com sua criação. Aqui a pergunta conclusiva é: pode a diaconia em sua práxis manter sua identidade e sustentabilidade sem tal espiritualidade, especialmente em situações em que a ação parece sem sentido?

30. Na tradição da FLM, a missão holística tornou-se uma expressão-chave. O documento da FLM sobre missão de 1988 declara:

A integralidade da missão precisa ser manifestada pela unidade de palavra e ação na totalidade das iniciativas da Igreja voltadas para fora. Ambas são veículos do amor incondicional de Deus que aceita as pessoas enquanto são ainda pecadoras e sem qualquer consideração de sua origem social, racial ou cultural. A palavra sem ação falsifica a própria palavra na medida em que torna o evangelho abstrato e nega o poder transformador de Deus na criação e na encarnação. O fato de deixar de fazer acompanhar o testemunho por meio da palavra pelo testemunho por meio da vida pode fechar a porta para o evangelho. Por outro lado, a ação sem a palavra corre o perigo de degenerar em mero humanitarismo e conformidade com o contexto e de deixar de comunicar a plenitude da salvação como dádiva de Deus. Em última

análise, a credibilidade do testemunho não se baseia em ações, que estão fadadas a permanecer imperfeitas, mas no próprio evangelho.⁶

31. Mais uma vez, a questão é como fazer disso mais do que uma fórmula retórica. Em minha opinião, é vital estimular tanto a missiologia quanto a ciência da diaconia (diacônica) numa *reflexão interdisciplinar*, tanto no que diz respeito ao marco epistemológico, às abordagens metodológicas quanto, sobretudo, a todas as implicações teológicas dessa inter-relação. Isso poderia dar novas diretrizes, tanto para a missão quanto para o trabalho diaconal internacional.

Notas

- 1 O termo *práxis* é usado para designar a ação social que é planejada e orientada por objetivos. Dessa maneira a *práxis* não deveria ser entendida como qualquer tipo de prática.
- 2 O termo *diaconia*, na acepção em que é usado aqui, inclui uma certa *práxis*, um marco social que dá uma identidade determinada (a Igreja em sua compreensão mais ampla) e uma *reflexão disciplinada* (teoria) a fim de sistematizar o que está sendo feito de maneira profissional.
- 3 *Together in Mission : An LWF Contribution to the Understanding of Mission*, Geneva : The Lutheran World Federation, 1988, p. 5 (LWF Documentation, 26).
- 4 *Ibid.*, p. 9.
- 5 *Ibid.*
- 6 *Ibid.*, cap. 4.1.4.

Kjell Nordstokke
Det Norske Diakonhjem
Postboks 23 Vinderen
N - 0319 Oslo
Noruega

(Tradução: Luís M. Sander)